

Kinea Mont Blanc XP Seg Prev FIRF CP RL

Relatório de Gestão

Abril 2026

CNPJ: CNPJ: 61.182.246/0001-16

Características Gerais da Carteira

GESTOR

Kinea Investimentos

OBJETIVO DA CARTEIRA

Uma forma de investir em títulos de dívida de grandes empresas Brasileiras, da América Latina e países desenvolvidos, buscando remuneração acima do CDI com alta qualidade de crédito. Fundo de Crédito Privado operando mercado local (Debêntures, LFs, FIDCs, e CRIs) e bonds offshore (dívidas em Dólar transformadas em rendimentos em Reais e CDI).

DATA DE INÍCIO

22/Ago/2025

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO¹

1,2% a.a.

TAXA DE PERFORMANCE²

Não há

PATRIMÔNIO LÍQUIDO

R\$ 105.803.572

PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIO 12 MESES

R\$ 71.950.351

NÚMERO DE MESES POSITIVOS

9

NÚMERO DE MESES NEGATIVOS

0

PIOR MÊS

mar/26 (0.55%)

MELHOR MÊS

set/25 (1.28%)

PONTUAÇÃO DE RISCO

1 **2** 3 4 5

*A Pontuação de Risco Kinea é feita com base nos riscos de mercado, crédito e liquidez

1. Trata-se da taxa de administração máxima, considerando as taxas dos fundos investidos.
2. Trata-se da taxa de performance considerando todos os fundos investidos.

CDI + 2,16%

Yield médio da
carteira de crédito

3,35

de duration

91,18%

alocado em crédito

RENTABILIDADE

No mês, o Fundo rendeu 1,02%, enquanto o benchmark CDI rendeu 1,09%, equivalente a 93,60% do CDI no mês.

RISCO DE CRÉDITO BAIXO E DIVERSIFICADO:

A carteira do fundo contém 299 ativos, sendo 73,7% créditos AAA-AA (br).

PERFORMANCE:

Fundo rendeu 8,73% desde seu início. Equivalente a 87,98% do CDI no período.

DESEMPENHO

Retorno (%)

	2026	2025	abr/26
Fundo	3,39%	5,16%	1,02%
% do CDI	74,76%	100,25%	93,60%
CDI	4,54%	5,14%	1,09%

ALOCAÇÃO POR RATING

CCC	0,5%
AAA	53,5%
AA	20,3%
A	5,7%
global	2,7%
sem rating	8,5%

PALAVRA DO GESTOR

O fundo Kinea Prev Mont Blanc XP FICFI RF CP entregou um retorno a seus cotistas de 1,02% em abril (93,60% do CDI), e um acumulado de 8,73% em 12 meses (87,98% do CDI). A carteira de crédito privado do fundo encerrou o mês com spread de CDI + 2,16% acima do CDI e uma duration de 3,35 anos.

No cenário internacional, o conflito Irã-EUA seguiu como principal foco das atenções do mercado em abril. O bloqueio do estreito de Ormuz mantém elevados os preços de petróleo, com reflexo altista nas curvas de inflação e juros ao redor do mundo. Apesar do impasse entre os dois países, o comportamento não explosivo do preço de petróleo até aqui, e a possibilidade de solução a qualquer momento, têm gerado um ambiente global favorável a ativos de risco, com juros terminando o mês em leve alta apenas, e a bolsa americana subindo fortemente. Nos EUA, dados de emprego mais estáveis e perspectiva de inflação mais elevada mantêm a curva praticamente zerada para novos cortes. Na Europa, considerando sua sensibilidade às importações de energia, expectativas de inflação já começam a subir de forma mais relevante, gerando perspectiva de choque stagflacionário no continente. Nesse contexto, o banco central procurou diminuir a ênfase em uma reação rápida ao conflito via juros, mas a continuidade da guerra mantém a perspectiva de altas em breve. Na China, não houve destaques no mês.

O Brasil se beneficiou do cenário mais favorável a risco neste mês, com o Real se valorizando consideravelmente. Entretanto, juros e bolsa ficaram à mercê das notícias sobre eventual solução do conflito, experimentando forte alívio na primeira metade do mês, apenas para apagarem quase todo o ganho na segunda quinzena. No campo da inflação, seguimos vendo surpresas altistas nos dados, com deterioração relevante de expectativas no horizonte de curto e médio prazo. Aliada a dados de atividade que mostraram reaceleração moderada no primeiro trimestre do ano, acreditamos que o banco central deva adotar tom mais duro com relação ao ciclo de corte de juros. No campo político, o governo segue com popularidade em queda, e pesquisas mostram empate entre os dois candidatos mais prováveis. Apesar disso, não temos visto guinadas populistas.

Em crédito privado local, o Índice de Debêntures da Anbima (IDA-DI) abriu 5 bps no mês e encerrou em CDI + 1,63%. O índice chegou a atingir CDI + 1,72% em meados de abril, após uma abertura acumulada de aproximadamente 55 bps entre fevereiro e abril. Desde então, no entanto, houve fechamento de 9 bps, em um movimento já bastante relevante e construtivo para a classe. Esse fechamento de spreads, observado desde meados de abril, foi disseminado entre todos os subíndices do IDA-DI – High Grade, Mid-Yield e High Yield –, reforçando a percepção de que podemos estar no início de uma nova fase de compressão. A compressão de spreads tende a beneficiar a performance dos fundos e pode contribuir para uma normalização mais rápida dos fluxos de resgate da indústria, fator importante para a continuidade das reduções de spread no médio prazo. Como esperado, esse movimento é sustentado pelas melhores oportunidades de alocação criadas após a abertura recente, pelo baixo nível de alocação da indústria em crédito privado e por indicadores de qualidade de crédito dos emissores ainda próximos de suas médias históricas de longo prazo. Na nossa avaliação, as perdas observadas no mercado de crédito nos últimos meses podem ser divididas em dois grupos. O primeiro reúne perdas permanentes, associadas a emissores que entraram em recuperação judicial diante da necessidade de reduzir forçadamente seus níveis de endividamento. O segundo corresponde a perdas temporárias, provocadas pela abertura de spreads por fatores técnicos de mercado, afetando emissores que seguem apresentando boa capacidade de repagamento de suas dívidas. Vale destacar que os fundos de crédito da Kinea não tiveram exposição a nenhum dos emissores que entraram em processo de recuperação judicial desde o segundo semestre de 2025, o que reflete a postura conservadora adotada na gestão da nossa carteira. Também é oportuno lembrar que, historicamente, períodos de forte abertura de spreads como o observado entre fevereiro e abril deste ano – assim como em dezembro de 2024, no primeiro semestre de 2023 durante os eventos de Americanas e Light, e após a Covid em 2020 – foram seguidos por janelas de performance bastante positiva para os fundos de crédito, com retorno substancialmente acima do CDI. Esse comportamento decorre, em grande medida, dos níveis mais elevados de spreads disponíveis para alocação após fortes aberturas. Acreditamos que essa dinâmica pode voltar a se repetir também neste episódio mais recente.

Em crédito offshore, o spread médio das empresas da América Latina fechou bastante durante o mês, ajudado pelo ambiente externo favorável a risco. Entretanto, a maior parte dessa queda de spreads ficou concentrada em apenas dois emissores negociados como créditos distressed. Nossa carteira offshore apresentou performance negativa no mês devido à marcação em nossos bonds de Aegea, um caso que consideramos fortemente no campo das empresas afetadas temporariamente pelo pessimismo recente do mercado de crédito, e em cuja recuperação temos confiança.

No portfólio, os principais destaques de performance vieram das debêntures de Hapvida e Viveo. Entre as principais movimentações do mês, realizamos compras de debêntures da Aegea e Smartfit, além de novas alocações em operações estruturadas (FIDCs).

ALOCAÇÃO

91,18%

Crédito

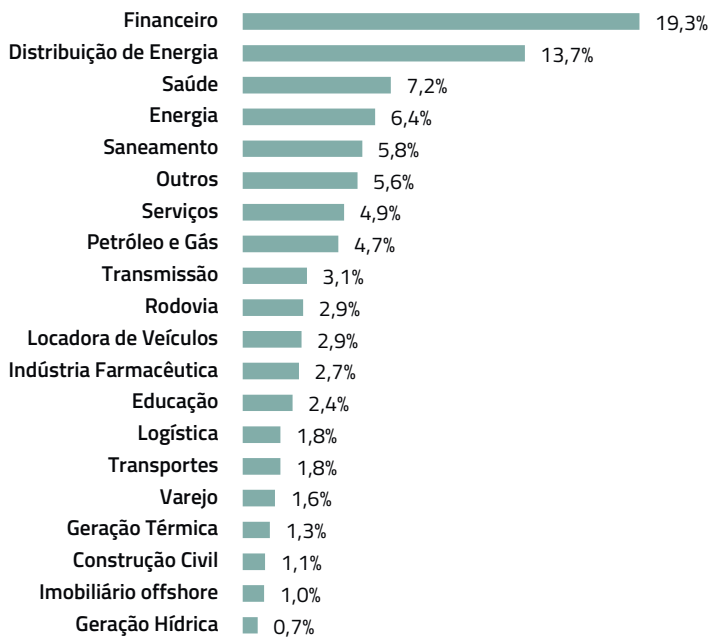
8,82%

Títulos públicos

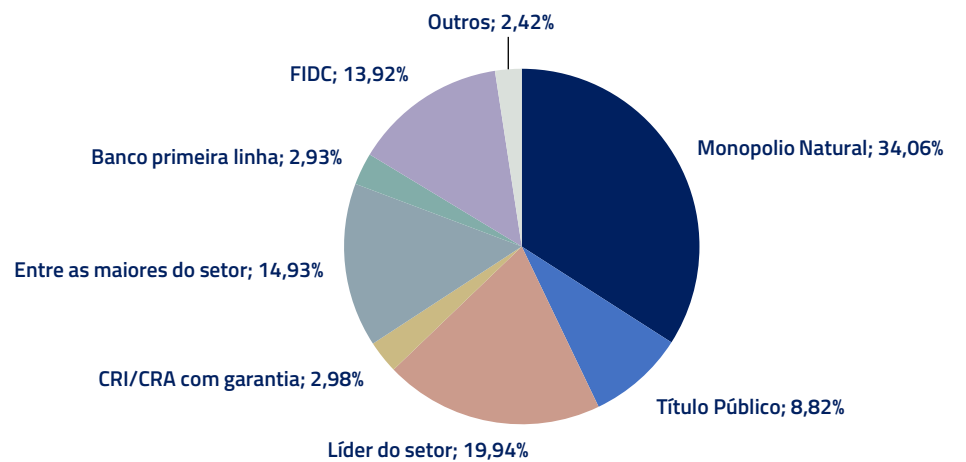
Principais emissores

5 MAIORES EMISSORES	%PL
Nova Transportadora do Sudeste S.A.	3.7%
Rede dor	3.05%
Cosan	2.93%
FIDC AGIBANK II	2.92%
COMPANHIA ESTADUAL DE DISTRIBUICAO DE ENERGIA ELETRICA - CEEED	2.48%

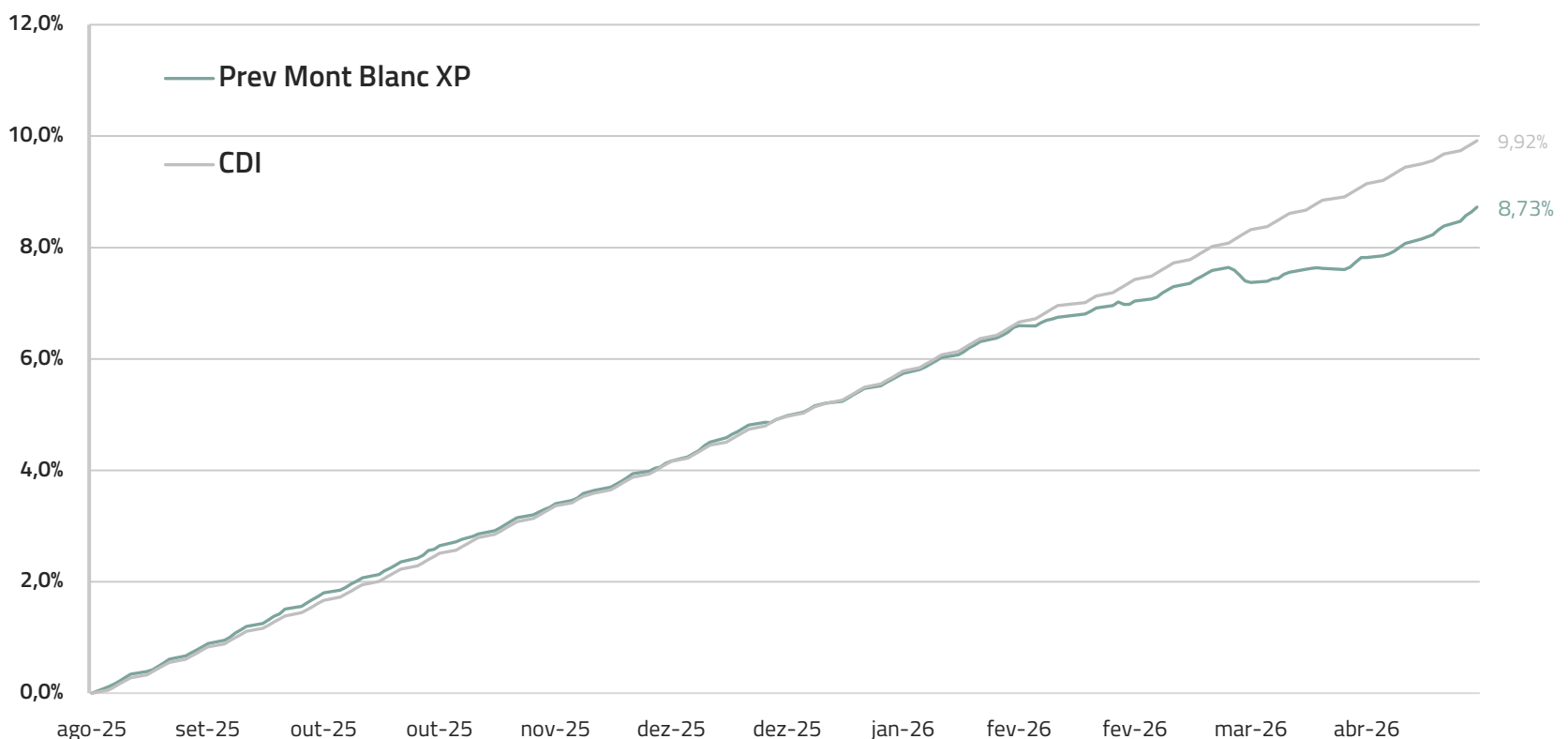
Alocação da Carteira de Crédito por Setor



Qualidade da carteira



Rentabilidade



Histórico

	2025	2026	abr/26	Início
FUNDO	5,16%	3,39%	1,02%	8,73%
CDI	5,14%	4,54%	1,09%	9,92%
%CDI	100,25%	74,76%	93,60%	87,98%

